



VII Simpósio Nacional de História Cultural
**HISTÓRIA CULTURAL: ESCRITAS, CIRCULAÇÃO,
LEITURAS E RECEPÇÕES**

Universidade de São Paulo - USP

São Paulo - SP

10 e 14 de Novembro de 2014

**AS BRUXAS NA OBRA DE NIKOLAI GÓGOL: UMA EVOLUÇÃO DA
IMAGEM FOLCLÓRICA**

Maria Petrova*

*Tanta falta de fé se espalhou pelo mundo! O que mais
dizer – que o Deus e a Santíssima Virgem não me amem!
– vocês, talvez, nem vão acreditar. Uma vez abri a boca
para falar sobre as bruxas – e daí? – apareceu um
imprudente que não acreditava em bruxas!¹*

A bruxa é uma das personagens mais frequentes nas assim chamadas novelas ucranianas de Nikolai Gógol – em *Noites na Granja perto de Dikanka* e *Mírgorod*. As duas peculiaridades dessas obras são o romantismo alemão, com seus temas de feitiçaria a erigir um universo fantástico e grotesco, e a ligação com o conto maravilhoso, com a luta tradicional do homem com o diabo. Neste sentido, a imagem da bruxa parece ser uma clara representação dessas duas tendências.

Os enredos das novelas em questão são fortemente inspirados nos contos populares eslavos, que em russo são chamados de “*bylitchki*”. O gênero tem suas raízes na palavra “*byl*”, que significa “uma causa verdadeira”. Pode-se chamar uma *bylitchka*

* USP, #8461121

¹ Gógol, N. V. Vêcher nakanune Ivana Kupala (A noite da véspera do dia de Ivan Kupala. In: _____. Sobránie sotchinénii v semí tomakh. Tom pèrvyi. Vetcherá na khútoze bliz Dikan’ki. Moskvá, Khudójestvennaia literatura, 1976, p. 41.

um análogo da *ghost-story*, porque é um relato oral sobre o encontro dos camponeses com alguns fenômenos sobrenaturais, como um fantasma, um diabo, ou uma bruxa. Tais relatos foram muito divulgados na Rússia desde o século XVII, mas o gênero atingiu o auge do desenvolvimento no início do século XIX, ou seja, no momento em que Gógol escreveu as suas novelas ucranianas.

Desses relatos, alguns dos quais foram anotados e publicados, pode-se tirar uma imagem coletiva da bruxa, formada pela consciência popular. Segundo ela, existem dois tipos de bruxas: as bruxas natas e as bruxas por vocação. As primeiras recebem o poder mágico da natureza, as segundas o aprendem. As primeiras às vezes são bondosas aos camponeses, elas ajudam curar as doenças ou reparar os malfeitos das outras bruxas; são mais parecidas com as curandeiras. As por vocação são mais maldosas, e a maioria das *bylitchki* são dedicadas a elas.

Para ambos os tipos, são típicas a habilidade de transformar-se em qualquer animal ou objeto do cotidiano camponês (por exemplo, um monte de feno ou uma agulha), os voos noturnos para lugares desconhecidos e os poderes sob os fenômenos da natureza. Também os camponeses acreditavam nas atividades póstumas, nas visitas das bruxas mortas, seus ataques às pessoas vivas, com o objetivo de tomar sangue ou devorá-las. Neste sentido, a bruxa da *bylitchka* representa uma ideia simbólica de uma doença mortal.

Já nestas observações é possível perceber que nas crenças populares a imagem da bruxa possui dois princípios: o bondoso e o maldoso. Embora seu lado bondoso seja descrito de um modo muito mais fraco e pálido, numa luta constante no folclore, o bem sempre vence o mal.

Gógol anotou vários detalhes das *bylitchki* no seu *Livro de toda variedade*, um caderno de notas em que o escritor, desde 17 anos, registrava as anedotas, descrições dos costumes, lendas e as festividades populares. No entanto, deve-se lembrar que Gógol não teve como o objetivo copiar rigorosamente as imagens da mitologia popular. Aproveitando algumas feições da personagem folclórica, ele, porém, criou suas próprias personagens, que seguiam as leis da sua poética. Para mostrar isso, nós vamos fazer uma breve análise das quatro bruxas que aparecem nas novelas. São a bruxa-curandeira de *A Noite da véspera do dia de Ivan Kupala*, a bruxa-madrasta de *Uma noite de maio, ou uma mola afogada*, a bruxa-colona de *A Noite de Natal* e a protagonista da novela *Viy*; uma imagem mais complexa, desenvolvida por Gógol sob influência grande do romantismo. Nós vamos começar com a bruxa de *A Noite da véspera do dia de Ivan Kupala*.

Nessa novela, a bruxa é uma personagem secundária que ajuda o vilão a seduzir a alma do protagonista. Gógol descreve-a como “uma velha com o rosto murcho como uma maçã cozida, toda dobrada no anco; o nariz e o queixo que nem um alicate com qual se quebram nozes²”. Sua aparência é semelhante à bruxa das *bylitchki*, que geralmente descrevem as bruxas como velhas, magras, ossudas, um pouco corcundas, com uma boca larga, um queixo e um nariz que se destacam para frente. Mas em Gógol as feições da bruxa são hiperbolizadas, nelas prevalece o grotesco.

Além disso, Gógol deu a sua personagem uma habilidade de transformar-se em diferentes animais, também característica para as bruxas das *bylitchki*. Ela aparece diante do herói como um grande cachorro preto, que vira uma gata e tenta arrancar-lhe os olhos.

Parcialmente essa bruxa foi inspirada pelo conto maravilhoso. Não é uma coincidência que no texto ela é chamada de *iagá*, uma personagem já detalhadamente analisada por Vladímir Propp nos seus estudos³. A função dessa bruxa na novela é igual a do conto: ela cria um desafio para o protagonista. No texto o desafio é arrancar a flor de samambaia, que tem o poder mágico de indicar os tesouros escondidos debaixo da terra. Porém, na novela gogoliana a imagem da bruxa é mais complexa. Em primeiro lugar, Gógol cria mais um desafio para o herói, que dessa vez precisa cometer um crime – matar uma criança inocente. Em segundo lugar, a bruxa, que no conto pode existir somente no espaço mágico, no assim chamado “reino dos confins”, em Gógol, de acordo com as leis do romantismo, possui uma identidade dupla. No mundo fantástico é uma feiticeira maldosa que bebe o sangue das crianças, enquanto na vida cotidiana da aldeia ela é uma curandeira que tem “a fama de curar todas as doenças do mundo”. Reconhecê-la na outra forma, no mundo real, e lembrar-se dos eventos da horrível noite na novela se torna numa verdadeira mania do protagonista, numa doença que causa sua morte.

A personagem Solokha, de *A noite de Natal*, é mais próxima das ideias eslavas sobre as bruxas. Vários episódios com sua participação foram emprestados por Gógol das *bylitchki*, inclusive sua primeira aparição na novela, em que, “por onde quer que a mancha passasse, as estrelas desapareciam uma atrás da outra. Ao cabo de alguns instantes, a bruxa

² Op. cit., p. 47.

³ Propp, Vladímir. As raízes históricas do conto maravilhoso. Trad. de Paulo Bezerra. São Paulo, Martins Fontes, 1997.

já havia enchido a sua manga com elas⁴”. A habilidade de voar montada numa vassoura, assim como uma inclinação a roubar estrelas, são tiradas na mitologia popular. Assim os camponeses explicavam a queda das estrelas do céu. O tempo escolhido por Solokha para seu voo também corresponde à mitologia eslava, porque a noite de Natal foi o tempo de ativação das forças impuras.

Outro episódio, do furto de leite das vacas, também foi inspirado pelas *bylitchki*. Na versão de Gógol, ele é descrito assim: “chegou o pastoreador Timich Korostiavi. Este não perdeu a oportunidade de contar como certa vez,[...] quando se deitava para dormir no estábulo, fazendo um travesseiro de um montículo de palha, vira com seus próprios olhos como uma bruxa com as tranças soltas, só de camisola, começara a ordenhar as vacas sem que ele pudesse nem se mexer de tão enfeitado que estava; depois de ordenhar as vacas, a bruxa fora até ele e besuntara-lhe os lábios com uma coisa tão nojenta que depois ele passara o dia todo cuspidando⁵”. Há várias lendas parecidas no folclore ucraniano. Geralmente nessas histórias a bruxa começa a frequentar o estábulo de algum camponês. Aquele tenta capturá-la, escondido num canto do estábulo. À meia-noite, a bruxa aparece numa camisola branca e começa a ordenhar as vacas. Assim como em Gógol, o camponês está petrificado por causa da feitiçaria. Na lenda, a bruxa coloca nas suas mãos um pedaço de estrume, com as palavras: “Aqui um salgado para você”.

Um dos pesquisadores do tema, Zvézdin, vê em Solokha algumas faltas de correspondência à imagem folclórica⁶. Segundo ele, Solokha não poderia ir à igreja nas festas santas, porque fez pacto com o diabo, enquanto em Gógol ela frequenta a igreja, onde atrai a atenção de todos os homens da aldeia. Zvézdin pressupõe que Gógol não possuía conhecimento profundo das *bylitchki*. Na nossa opinião, aqui o autor também aplica o conceito romântico da dupla identidade. As personagens que nas novelas entram em contato com o sobrenatural, geralmente vivem duas vidas: a vida real e a vida fantástica. Se no mundo mágico Solokha é uma bruxa que furta as estrelas, “paquera” o diabo e transforma-se nos animais diferentes, na vida real é viuva, uma mulher de 40 anos, “que era tão ardilosa em deixar encantados até mesmo os cossacos da estepe” e

⁴ Gógol, Nikolai. O capote e outras histórias. Tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra. São Paulo, Editora 34, 2010, p. 106.

⁵ Op. cit, p. 119.

⁶ Zvézdin, A. Obraz védmy u Gógolia: folklórnye istoki i srednevekóvaia khristiánkaia mística (A imagem da bruxa em Gógol: as fontes folclóricas e a mística medieval cristã). In Mann Iu. V. (org.) Gógol kak iavlénie mirovói literatury. Moskvá, IMLI RAN, 2003.

“recebia visitas do alcaide, do sacristão Óssip Nikíforovitch [...], do cossaco Korní Tchub e do cossaco Kassian Svierbiguz⁷”. A menção de admiradores de Solokha explica como surge no cotidiano camponês a ideia da bruxa: é simplesmente uma mulher mais ardilosa que as outras, que os colonos suspeitam dos poderes mágicos.

Em *Uma noite de maio*, Gógol segue a tradição folclórica, mas ao mesmo tempo renova-a de acordo com seus objetivos artísticos. A bruxa nessa novela aparece representada por três imagens diferentes: como uma madrasta maldosa, como uma gata e como uma sereia. É importante fazer a seguinte observação: na novela, a bruxa é uma mulher de uma beleza excepcional. Gógol a descreve assim: “Era formosa a jovem esposa. Era toda rosa e branca a jovem esposa; só que lançou um olhar tão terrível para a enteada, que esta soltou um grito ao vê-la⁸”. O epíteto que Gógol usa para ela – “rosa e branca” (em russo: *rumiána e belá*) é descomunal para as bruxas do folclore russo, e ainda mais, “rosa e branca” é um epíteto constante para descrever as belas heroínas. As bruxas, tanto no conto como nas *bylitchki*, foram sempre descritas como feias e velhas.

Para que Gógol precisava de uma bruxa bonita? Acreditamos que, nessa descrição da beleza superficial, sem o conteúdo interno, aparece pela primeira vez um tema muito importante para o autor: o medo de uma mulher bonita, de uma beleza que pode de algum jeito ser relacionada à esfera dos sentimentos carnis. Gógol aprofunda-se nesse tema no decorrer da sua obra.

A segunda natureza dessa bruxa – a de gata – tem suas raízes no folclore. A gata nas crenças eslavas foi considerada um dos animais mágicos, ligados à bruxaria. Na novela, a heroína é atacada pela gata preta com suas garras de ferro. Gógol relata o episódio frequente das *bylitchki*, em que a pessoa corta a pata de um animal maldoso e depois descobre que cortara a mão de uma bruxa. Na novela é descrito desse jeito: “Na parede estava pendurado o sabre de seu pai. Agarrou-o e atirou-o-ao chão; uma pata com garras de ferro caiu, e a gata, com um ganido, desapareceu num canto escuro. O dia inteiro não saía do seu quarto a jovem esposa; no terceiro dia saiu com uma mão enfaixada. A

⁷ Gógol, Nikolai. O capote e outras histórias. Tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra. São Paulo, Editora 34, 2010, p. 117.

⁸ _____. *Máiskaia notch', ili utóplennitsa* (Uma noite de maio, ou uma moça afogada). In: _____. *Sobránie sotchinénii v semí tomakh. Tom pérvyi. Vetcherá na khútoze bliz Dikan'ki*. Moskvá, Khudójestvennaia literatura, 1976, p. 57.

pobre *pánnotchka* adivinhou que sua madrasta era uma bruxa e que lhe cortara uma mão⁹”.

É também coerente relacionar esta cena da novela com a biografia de Gógol. Havia um episódio na sua infância, quando, aos cinco anos, ele foi deixado sozinho em casa. O quarto estava muito silencioso, e o jovem autor ficou muito assustado. Ele lembrava numa carta: “Senti um zumbido nos ouvidos. [...] De repente, ouvi um miau fraco de uma gata... Nunca vou esquecer como ela estava se movendo, esticando-se, e as patas macias batiam nas tábuas do chão com as garras, os olhos verdes brilhavam com uma luz desagradável. Eu senti um pavor. Subi no sofá e me enconstei na parede...”¹⁰ Depois a criança agarrou a gata e a afogou no lago. É provável que, por causa deste episódio, Gógol descrevia os gatos em sua obra como animais horrendos.

Finalmente, a bruxa aparece num dos capítulos como uma sereia. As *bylitchki* não possuem nenhum enredo parecido. No folclore ucraniano é salientado que somente as moças que se afogaram nos lagos poderiam transformar-se em sereias. De acordo com as crenças, a bruxa afogada deveria perder seus poderes mágicos. Mas Gógol não segue as regras folclóricas. A heroína sente a presença da sua rival, a bruxa. Provavelmente, o autor precisava desse detalhe para o desenvolvimento do enredo romântico. Então, já se pode observar em *Uma noite de maio* como Gógol transforma a imagem folclórica da bruxa seguindo as leis da sua própria poética.

Na imagem da *pánnotchka*, da novela *Viy*, mais tardia em relação às outras, Gógol reuniu todas as ideias populares, já aproveitadas por ele em *Noites na Granja*, assim como os conceitos românticos sobre a beleza feminina.

Por um lado, a bruxa de *Viy* juntou em si vários episódios das *bylitchki*, inclusive o episódio central. O jovem cossaco pernoita numa taberna e é perseguido por uma velha que tenta seduzí-lo. Ele luta com a velha, mas ela consegue vencê-lo por meio de alguma feitiçaria e o monta, começando a voar nele sobre a terra. Depois o cossaco a persigna, mas dessa vez é ele que já está montado sobre ela. Depois de bater nela com muita força, ele a mata, mas vê, no lugar de uma bruxa, uma jovem mulher, filha de um negociante. Assim como no folclore, o cossaco é obrigado a rezar por três dias pela alma da mulher,

⁹ Op. cit., p. 58.

¹⁰ *Apud.* Zolotúskii, I. P. Gógol. 5ª edição. Moskvá, Molodáia gvárdiia, 2005, p. 27.

e o corpo morto da bruxa também levanta-se do caixão para perseguir o seu assassino. Em uma das *bylitchki* ucranianas o episódio é descrito assim:

a filha do negociante levantou-se do caixão. Riu, bateu as mãos e disse: ‘Levantem-vos, meus amigos, procurem meu inimigo!’ Saíram os mortos debaixo da terra, com muito barulho, e começaram a correr pela igreja. Procuravam, procuravam, mais não conseguiram achar o cossaco. Neste momento os galos gritaram, e todos os mortos desapareceram debaixo do chão, e a filha do comerciante caiu no centro da igreja, imóvel¹¹.

Como pode-se observar neste trecho, o herói folclórico é salvo pela magia popular – o grito de um galo. Em Gógol, este meio já é insuficiente para salvar o herói. A bruxa é uma criatura muito poderosa, e, para vencê-la, a personagem precisa de uma força que ele não possui – a força do próprio espírito. Por isso é tão trágico o episódio da morte do protagonista. Ainda mais interessante é notar que o herói morre não pelos ataques dos demônios, mas por medo.

O que nos interessa mais, contudo, é a própria bruxa. Assim como a bruxa de *Uma Noite de maio*, a heroína de *Viy* é uma mulher excepcionalmente bonita. Porém, seu retrato na novela parece retórico, cheio de clichês literários da época:

Ela estava ali deitada parecendo viva. A fronte bela, suave como a neve, como a prata, parecia pensar; as sobrancelhas – uma noite por entre um dia ensolarado, finas, simétricas, erguiam-se orgulhosas sobre os olhos cerrados, enquanto os cílios, caindo como flechas sobre as faces, ardiam no fogo dos desejos ocultos; os lábios – uns rubís prontos para sorrir...¹²

Gógol, tal revolucionário na descrição de feiura, chamado por alguns pesquisadores de predecessor de vanguarda, na descrição de beleza é um artista arcaico. A beleza na sua obra simplesmente brilha, é uma beleza resplandecente, impossível de descrever.

Na imagem da *pánnothcka*, porém, a beleza e a feiura são unas. A essência da sua aparência é uma expressão “beleza assustadora, terrível”. Por um lado, possui as duas qualidades não compatíveis como partes inseparáveis de uma só pessoa; por outro, é fácil perceber que a sua beleza é uma beleza morta, sem conteúdo interno.

¹¹ Ivanov, P. V. *Naródnye rasskázý o vedmakh i upyriakh* (Contos populares sobre as bruxas e os feiticeiros). Khárkov, Istórikó-filológicheskoe óbchtchestvo, 1891. Tomo 3, pp. 109-110.

¹² Gógol, Nikolai. *O capote e outras histórias*. Tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra. São Paulo, Editora 34, 2010, p. 186.

A comparação cronológica das bruxas nas várias novelas ucranianas mostra a complicação gradual dessa personagem. A bruxa na obra gogoliana não pode ser considerada uma mera cópia das imagens populares das *bylítcki*. Essa diferença tem suas raízes nos princípios artísticos do próprio Gógol. Usando os enredos e os episódios da vasta tradição folclórica, Gógol os transformava e os interpretava dentro das leis do romantismo; com seu conceito de dois mundos e com a ideia da beleza viva interna, oposta à beleza superficial, morta. A evolução da imagem da bruxa nas novelas de Gógol é marcante: da feiura grotesca a uma imagem contrastante da “beleza terrível” da bruxa em *Viy*.

Observamos como a imagem da bruxa desenvolveu-se no início da obra gogoliana, falando somente das personagens que foram explicitamente chamadas pelo autor de bruxas. Mas é preciso tomar em conta que praticamente qualquer mulher em Gógol é, potencialmente, uma bruxa. As tranças negras de Oksana de *A Noite de Natal* “dão até medo de noite; são como cobras compridas que se entrelaçaram e se enroscaram em torno da sua cabeça¹³”. A dança da enlouquecida Katerina da novela *A Terrível Vingança* nos lembra imediatamente a do Sabbat das bruxas bruxas. Até a filha do governador, de *Almas Mortas*, com seu rosto branco como um ovo fresco, possui algo sinistro na sua aparência. A comparação com um ovo não pode ser considerada como um elogio: o ovo pode ser podre, ou vazio, ou quebrado – e, mais ainda, o ovo não é uma coisa viva. Chegamos a conclusão de que, para Gógol, a bruxa não foi somente um fenômeno cultural, mas também uma certa atitude em relação à beleza feminina, que sem conteúdo interno era morta e poderia ser transformada em algo sombrio e perturbador. Afinal, o que nos assusta em *pánnothcka* de *Viy* não é o seu voo no caixão ou seus feitiços no meio da igreja, mas sua “beleza terrível, resplandecente”, uma beleza que gera no homem “uma sensação diabolicamente doce, um prazer pungente, um prazer aflitivamente terrível¹⁴”.

¹³ Op. cit, p. 113.

¹⁴ Op. cit., p. 172.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. BOTCHAROV, Sergéi. “Krasávitsa mira”. Jénskaia krasotá u Gógolia (A beleza do mundo. A beleza feminina em Gógol). In Mann Iu. V. (org.) Gógol kak iavlénie mirovói literatury. Moskvá, IMLI RAN, 2003.
2. CAVALIERE, Arlete. Teatro russo: percurso para um estudo da paródia e do grotesco. São Paulo, Humanitas, 2009.
3. PROPP, Vladímír. As raízes históricas do conto maravilhoso. Trad. de Paulo Bezerra. São Paulo, Martins Fontes, 1997.
4. IVANOV, P. V. Naródnnye rasskázy o vedmakh i upyriakh (Contos populares sobre as bruxas e os feiticeiros). Khárkov, Istóriko-filologícheskoe óbchtchestvo, 1891. Tomo 3.
5. ZOLOTÚSSKII, I. Gógol. Moskvá, Molodaia gvárdiia, 2005.
6. ZVÉZDIN, A. Obraz védmy u Gógolia: folklórnye istoki i srednevekóvaia khristiánkaia mística (A imagem da bruxa em Gógol: as fontes folclóricas e a mística medieval cristã). In Mann Iu. V. (org.) Gógol kak iavlénie mirovói literatury. Moskvá, IMLI RAN, 2003.

História Cultural